

**Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura  
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Negociações Internacionais**

**Período de Análise: 01/07/2015 a 31/07/2015**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Carta Capital

**Estagiária: Yohanan Barros**

## Sumário

<b>Para Graziano, Brasil 'errou' ao apostar demais na China.</b> Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 01/07/2015 .....	3
<b>Feira na África do Sul permite ampliação de mercado para agricultores familiares brasileiros</b> – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 02/07/2015 .....	3
<b>Kátia Abreu trata de parcerias bilaterais com ministro das Finanças do Japão</b> – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 03/07/2015 .....	4
<b>Leilão de troca de arroz para Gaza será dia 10</b> – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 03/07/2015 .....	5
<b>Brasil reclama, na OMC, de barreiras europeias.</b> Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 07/07/2015 .....	5
<b>Brasil volta a ter saldo comercial positivo com a China.</b> Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 11/07/2015 .....	6
<b>Sinal verde para a importação de trigo russo.</b> Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 14/07/2015 .....	7
<b>Mais integração, direitos e participação no Mercosul</b> – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 15/07/2015 .....	8
<b>Louis Dreyfus compra terminal de grãos na Rússia.</b> Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/07/2015 .....	9
<b>Mercado de milho de olho em Pequim.</b> Fernanda Pressinott e Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 22/07/2015 .....	10
<b>Mercado de milho de olho em Pequim.</b> Fernanda Pressinott e Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 22/07/2015 .....	11
<b>O Itamaraty e as múltiplas brasileiras.</b> Marcos Sawaya Jank – Folha de São Paulo, Colunistas. 25/07/2015 .....	11
<b>Adesão do Cazaquistão à OMC abre oportunidades ao Brasil.</b> Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 27/07/2015 .....	13
<b>Brasil vai retomar as vendas à China.</b> Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico, Agronegócios. 29/07/2015 .....	13
<b>Dólar alto compensa queda em Chicago, e commodities sobem no Brasil.</b> Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 30/07/2015.....	14
<b>Retração da economia brasileira e oscilações no mercado internacional interferem na produção e produtividade agropecuária</b> – Site da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 31/07/2015 .....	15

## **Para Graziano, Brasil 'errou' ao apostar demais na China. Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 01/07/2015**

O Brasil errou ao apostar excessivamente nas exportações para a China. E o que tem de fazer agora é usar a qualidade e a segurança dos alimentos para continuar ganhando novos mercados. Essa é a avaliação de José Graziano da Silva, diretor-geral da FAO, a agência das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação. O relatório que a entidade divulga hoje juntamente com a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) traz um capítulo especial sobre a agricultura brasileira.

Como o Valor antecipou em março, o primeiro esboço do relatório alertava que a desaceleração da economia chinesa nos próximos dez anos poderá reduzir em alguns bilhões de dólares o ritmo de expansão das exportações agrícolas brasileiras. Isso não significa que o Brasil deixará de aumentar as exportações, mas o ritmo de crescimento deve diminuir.

Conforme observou Graziano, a desaceleração da economia na China tem "impacto brutal" pelo volume que o país demanda, particularmente em cereais e carnes, o que afeta bastante o Brasil.

"O problema é que o Brasil concentrou demasiadamente as exportações para a China", afirmou. "Criamos uma dependência de exportação de matérias-primas para o mercado chinês. Foi um erro que o Brasil fez, de desindustrializar, de parte de sua agroindústria perder valor agregado na exportação de carnes, por exemplo. Precisamos voltar a privilegiar setores que agregam valor ao produto agrícola e não ficar na dependência de matéria-prima".

Para isso, Graziano avalia que o Brasil tem de continuar trabalhando para erradicar algumas doenças que afetam rebanhos e fazer um "esforço brutal" para implementar a rastreabilidade.

"Não vai ter mais venda de carne no mundo nos próximos anos sem certificação de origem garantida", afirmou. "Temos que criar um sistema com credibilidade internacional. Se quisermos realmente ter o papel de liderança no mundo, qualidade é fundamental".

Em debate na Organização Mundial do Comércio (OMC), Graziano afirmou que a FAO está engajada na efetiva implementação de programa de medidas sanitárias e fitossanitárias para facilitar um comércio seguro. "Um único acidente alimentar pode ter enorme e, frequentemente, longo impacto negativo no comércio, nas economias dos países, nas pessoas e na saúde pública", disse. Ele acrescentou que comércio seguro precisa ter padrões internacionais baseados em fundamento científico e não em achismo.

---

## **Feira na África do Sul permite ampliação de mercado para agricultores familiares brasileiros – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 02/07/2015**

Os representantes das cooperativas e associações da agricultura familiar do Brasil fizeram mais de 240 contatos comerciais durante a Exposição Comercial Internacional da África do Sul 2015 (Saitex - Southern African International Trade Exhibition), que aconteceu no final de junho, em Johannesburg.

Durante os três dias do evento, os produtores brasileiros estiveram em contato com empreendedores, importadores, varejistas, atacadistas e produtores de várias nacionalidades.

A participação dos empreendimentos brasileiros na feira abre perspectiva de negócios de cerca de US\$ 11,1 milhões, cerca de R\$ 34,4 milhões, para o próximo ano. Juntas, cooperativas e associações representam e beneficiam diretamente quase oito mil famílias de agricultores.

A Saitex é considerada o mais importante evento de negócios multissetoriais do continente africano, reunindo setores como de alimentos, bebidas, máquinas, têxteis, serviços de turismo.

O Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) levou empreendimentos de todas as regiões do País. Alguns encontros de negócios foram pré-agendados entre potenciais clientes e as cooperativas de interesse, com o apoio da Embaixada do Brasil em Pretória.

Mesmo os empreendimentos que não estiveram na feira receberão da embaixada informações sobre potenciais compradores dos produtos brasileiros.

#### *Representação brasileira*

- Consórcio dos Produtores Sateré Mawé (CPSM), Parintins (AM) – comunidade indígena

Produtos: guaraná em pó, guaraná em bastão, mirantã, mel de abelha, copaíba, muiraruíra, unha de gato e extrato de própolis

- Cooperativa Mista Agropecuária de Manacapuru (Coomapem), Amazonas  
Produtos: fibras de juta e malva

- Associação Comunitária de Produção e Comercialização do Sisal (Apaeb), Valente (BA)

Produtos: tapetes, carpetes, capachos, fios, cordas e fibras de sisal

- Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Lajinha (Coocafé), Minas Gerais  
Produtos: café verde e torrado

- Cooperativa Agropecuária de Jacinto Machado (Cooperja), Santa Catarina  
Produtos: arroz

- Cooperativa Mista Agropecuária do Rio Doce (Cooparpa), Jataí (GO)  
Produtos: farinha, canjica e fubá de milho

---

#### **Kátia Abreu trata de parcerias bilaterais com ministro das Finanças do Japão – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 03/07/2015**

*Ministra busca ampliação do mercado japonês para os produtos do agronegócio brasileiro*

A ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) se reuniu nesta sexta-feira (3) com o vice-primeiro-ministro e ministro das Finanças do Japão, Taro Aso, para tratar das perspectivas de alianças comerciais entre os países. Ela está em Tóquio, onde permanece até terça-feira (7), negociando a ampliação do mercado japonês para os produtos do agronegócio brasileiro.

Esta é a primeira visita ao Japão de um ministro de Estado brasileiro da pasta de Agricultura desde 2004, quando o cargo era ocupado pelo engenheiro agrônomo e cooperativista Roberto Rodrigues. Taro Aso acumula os cargos de vice-primeiro-ministro e de ministro das Finanças.

Kátia Abreu destacou também o papel brasileiro na segurança alimentar do país asiático. “Nessa linha, é essencial contar com apoio parlamentar para que produtos agropecuários brasileiros possam ter maior acesso ao mercado japonês”, observou a ministra.

---

### **Leilão de troca de arroz para Gaza será dia 10 – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 03/07/2015**

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) realiza, na próxima semana (10), leilão de troca de mercadoria para aquisição de cerca de 1 mil tonelada de arroz beneficiado, destinado à população da Faixa de Gaza, na Palestina (Aviso 96). A operação é coordenada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), responsável por organizar a participação governamental na ajuda humanitária internacional, de acordo com a legislação (Leis 12.429, de 20/6/2011, e 13.001, de 10/6/2014).

Este é o quinto leilão realizado pela Conab este ano para ajuda internacional. Pelo mecanismo do leilão eletrônico, a estatal oferece arroz em casca a granel e, em troca, recebe o produto já beneficiado, embalado e com a documentação pronta para exportação. O prazo máximo para entrega da mercadoria é dia 15 de agosto, no porto de Rio Grande/RS.

No mês de maio, outra remessa destinou uma tonelada do cereal à Guatemala. Já outros países, como Libéria, Serra Leoa e Guiné, na África Ocidental, também foram beneficiados este ano, com cerca de 2,7 mil t de arroz, cabendo a cada população algo próximo a 900 t do produto. Segundo o Itamaraty, esta cooperação humanitária do Brasil à África Ocidental visou, sobretudo, o socorro da população afetada pelo vírus Ebola.

---

### **Brasil reclama, na OMC, de barreiras europeias. Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 07/07/2015**

O Brasil apontou ontem diversas preocupações sobre barreiras agrícolas que persistem na União Europeia durante o exame da política comercial do bloco por parte de membros da Organização Mundial do Comércio (OMC). "Ganhar acesso para produtos agrícolas no mercado europeu continua a ser um desafio, mesmo para produtores altamente competitivos como o Brasil", afirmou o embaixador brasileiro na OMC, Marcos Galvão.

Esse exame é importante para o Brasil, considerando que o comércio bilateral alcançou US\$ 88,7 bilhões em 2014, aproximadamente 20% de todo o fluxo comercial brasileiro no período. Na perspectiva brasileira, apesar da reforma da Política Agrícola Comum (PAC) os produtores europeus continuam muito "isolados" em relação ao que acontece nos mercados, o que prejudica players competitivos.

O representante brasileiro na OMC questionou os subsídios de mais de € 70 bilhões que a UE concede aos agricultores através da chamada "caixa verde". Esta é utilizada para qualificar as medidas de apoio interno que não distorcem, ou distorcem minimamente, o comércio agrícola, como assistências a desastres, programas governamentais de pesquisa, extensão rural, infraestrutura e controle de pragas e doenças.

Nesse contexto, o Brasil conclamou a UE a detalhar informações sobre vários novos programas incluídos na "caixa verde", que normalmente parceiros de fato veem como uma maneira disfarçada de assegurar a renda do agricultor. Outra preocupação do Brasil é com o potencial da UE para aumentar subsídios à exportação de produtos agrícolas, e pediu para Bruxelas eliminá-los completamente.

O Brasil reclama, ainda, que os europeus também fazem "uso imoderado" de salvaguardas especiais agrícolas (medidas de proteção para produtos agrícolas quando há declínios abruptos de preços ou quando há um aumento repentino de importações em determinado país. Já na área sanitária (SPS), o Brasil reclama da falta de alinhamento de medidas europeias com os padrões internacionais. E exemplifica que Bruxelas continua a restringir a importação de carne com resíduos de ractopamina (um promotor de crescimento) nos limites permitidos pelo Codex Alimentarius, referência para o comércio internacional.

O embaixador Marcos Galvão disse, também, que o Brasil acompanha com interesse o desenvolvimento de regulamentações sanitárias na UE, em particular a proposta da Comissão Europeia (braço executivo do bloco) para permitir que os Estados-membros restrinjam ou proíbam o uso de alimentos com ingredientes geneticamente modificados (transgênicos) em seu território mesmo quando o produto é submetido a avaliações de risco e considerado seguro.

Já sobre o debate envolvendo a política de energia renovável da UE, o Brasil teme um protecionismo disfarçado que afete o comércio de biocombustíveis.

---

### **Brasil volta a ter saldo comercial positivo com a China. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 11/07/2015**

Volume maior exportado de commodities e importações menores de produtos industrializados fizeram o Brasil sair do vermelho com a China e entrar no azul neste primeiro semestre.

Após o déficit comercial de janeiro a abril deste ano, o primeiro desde 2008, as exportações totais brasileiras para o país asiático superaram as importações em US\$ 2,3 bilhões até junho.

Mas esse saldo fica bem abaixo dos US\$ 5,4 bilhões na primeira metade de 2014.

Os dois mais tradicionais itens da balança comercial entre os dois países foram responsáveis pelo saldo menor.

A líder soja, embora o volume tenha crescido 4% neste ano, rendeu US\$ 9,6 bilhões no semestre, 20% menos ante igual período de 2014, aponta a Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

O minério de ferro perdeu ainda mais. Com um volume 3% menor nas exportações, as receitas encolheram 56%, para US\$ 2,97 bilhões.

O grande destaque nessa relação comercial entre os dois países foi o petróleo. As exportações brasileiras subiram 200% em volume, enquanto as receitas cresceram 52% nesse primeiro semestre, em relação a igual período do ano passado.

O principal problema para a balança comercial brasileira foram os preços internacionais das commodities. Mesmo ampliando o volume exportado, o país obteve menos receitas neste ano.

O saldo comercial brasileiro foi sustentado também por outros produtos do agronegócio, como açúcar, carnes e até milho. A maioria deles, no entanto, também foi afetada pela redução média dos preços internacionais.

Os chineses importaram 965 mil toneladas de açúcar do país, 16% mais do que no primeiro semestre do ano passado. As receitas, no entanto, ficaram estáveis em US\$ 322 milhões.

Aos poucos, o país consegue também entrar no mercado chinês de carnes e elevar a participação nas importações do país. Os dados da Secex indicam que o Brasil exportou o correspondente a US\$ 292 milhões no primeiro semestre em carnes fresca e congeladas de aves. Esse valor supera em 23% o do ano passado.

O cenário de exportações brasileiras para a China neste primeiro semestre espelha o que serão as relações comerciais com o país asiático até o final deste ano.

Os chineses já compraram do Brasil o recorde de 25 milhões de toneladas de soja para esse período, e farão uma investida menor no mercado no segundo semestre.

As exportações do complexo soja (grãos, óleo e farelo), que superaram US\$ 30 bilhões no ano passado, devem ficar mais para US\$ 20 bilhões neste ano.

Já as exportações de minério de ferro devem seguir o ritmo normal, com manutenção de volume, mas sem garantia de recuperação dos preços.

---

### **Sinal verde para a importação de trigo russo. Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 14/07/2015**

A Rússia recebeu o sinal verde de Brasília para efetivamente exportar trigo ao Brasil em troca do "esforço" de Moscou para continuar abrindo mercado a produtos brasileiros. As negociações para a compra do cereal se intensificaram na semana passada, quando a ministra da Agricultura Kátia Abreu visitou a Rússia, acompanhando a comitiva da presidente Dilma. Na ocasião, a ministra anunciou que a Rússia estava abrindo seu



mercado ao leite em pó brasileiro e que o país tinha interesse em vender trigo e pescado ao Brasil.

A abertura do mercado brasileiro ao trigo russo foi formalizada em acordo entre os dois países em fevereiro de 2013. Mas o Brasil ainda exigia garantias fitossanitárias adicionais que impediam a concretização das vendas. Na semana passada, durante visita de Kátia Abreu a Moscou, foi incluído um adendo no acordo que resolveu a pendência.

Apesar de efetivada a abertura, os russos não poderão descarregar seu trigo nos portos de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o que poderá significar uma concentração maior de entregas na região Nordeste.

Além de ser um dos maiores países produtores e exportadores de trigo do mundo, a Rússia também considera ter ganho mais competitividade graças à desvalorização do rublo. Recentemente, o Egito importou 120 mil toneladas do cereal russo por US\$ 212,26 a tonelada. O trigo russo entraria no Brasil com uma TEC (Tarifa Externa Comum) de 10%, por se tratar de produto de fora do Mercosul. Dentro do bloco comercial, a tarifa é zero.

No caso dos pescados, no entanto, a Rússia terá que esperar um pouco mais para exportar ao mercado brasileiro. A certificação já foi liberada por Brasília. Mas uma missão do Brasil ainda irá à Rússia em setembro para habilitar os frigoríficos que quiserem participar do comércio desses produtos, inclusive bacalhau.

Em contrapartida, a Rússia continua a garantir que quer aumentar a importação de carne brasileira, mas continua a reclamar dos atuais preços dos produtos brasileiros.

No último trimestre do ano passado, quando Moscou aumentou as compras de carne do Brasil depois de impor restrições às compras de nações ocidentais, uma autoridade de Moscou chegou a telefonar a interlocutores brasileiros para se queixar dos valores cobrados, mais elevados do que o esperado.

Depois de as exportações brasileiras de carne para o mercado russo terem aumentado no ano passado, no primeiro trimestre deste ano houve queda expressiva por causa da desvalorização do rublo e da recessão no país. Nesse contexto, Moscou diversificou suas importações agrícolas com origens mais baratas, como a Índia.

Em 2014, o comércio bilateral alcançou, no total, US\$ 6,3 bilhões, um incremento de 15,7% em comparação a 2013. Os russos exportaram US\$ 2,3 bilhões para o Brasil, um aumento de 19,2%, e em contrapartida as exportações brasileiras alcançaram US\$ 3,9 bilhões, uma alta de 13,6%, segundo dados russos.

---

### **Mais integração, direitos e participação no Mercosul – Site do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). 15/07/2015**

Brasília sedia até esta quinta-feira (16) a 18ª edição da Cúpula Social do Mercosul, no Centro de Convenções Internacional de Convenções do Brasil. Representantes da sociedade civil da Argentina, Paraguai, Uruguai, Venezuela, Bolívia, Colômbia, Espanha, Honduras, Itália, Guiné Bissau, Estados Unidos e Brasil participaram, na noite



desta terça-feira (14), da abertura do encontro. A secretária-executiva do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Maria Fernanda Coelho, prestigiou o evento.

Esta é a quinta vez que o Brasil realiza a Cúpula Social do Mercosul que, este ano, tem três eixos centrais de debate: Mais Integração, Mais Direitos e Mais Participação. Os organizadores ressaltaram a importância de se aprofundar a integração regional e o ativismo social como caminhos para avançar nas conquistas de direitos.

#### *Programação*

O primeiro eixo, o Mais Integração, terá três painéis de discussão: Avanços e limites do processo de Integração atual e o modelo que queremos; Futuro do Mercosul: Nosso Desafio; e Livre Circulação, Participação Social e Estatuto da Cidadania no Mercosul. O segundo eixo, o Mais Direitos, também apresenta três pontos: Nova Declaração Sócio-Laboral do Mercosul; Diretrizes da Educação e Cultura em Direitos Humanos para o Mercosul; e Igualdade, Direito e Participação das Mulheres no Mercosul.

O terceiro e último eixo, o Mais Participação, também será discutido em três vertentes: Participação social, Parlasul, UPS e os desafios da deliberação pública no Mercosul; Políticas Públicas, Leis de Meios, Redes de Comunicação Popular; e Redes, Coletivos e Movimentos, Juventude fazendo política no Mercosul.

---

#### **Louis Dreyfus compra terminal de grãos na Rússia. Fabiana Batista – Valor Econômico, Agronegócios. 17/07/2015**

SÃO PAULO - A multinacional francesa Louis Dreyfus Commodities (LDC) informou hoje que sua subsidiária LDC Vostok LLC adquiriu um terminal de grãos na Rússia na região de Rostov. Atualmente em fase de desenvolvimento, esse terminal está localizado numa área de 20 hectares em Azov, distrito localizado às margens do rio Don, e inclui dois berços de atracação e seis silos. O valor da operação não foi informado.

Após a conclusão, o terminal será utilizado para o transbordo de grãos em embarcações marítimo-fluviais com uma capacidade inicial de exportação de 500 mil toneladas por ano, com o objetivo de ultrapassar 1 milhão de toneladas nos próximos anos.

A expectativa é de que o novo terminal comece a operar em sua primeira fase no começo de 2016. Conforme a LDC, o projeto tem o apoio da agência de investimento de Rostov.

O chefe regional de grãos para a Europa e Mar Negro da LDC, Cesar Soares, disse que essa aquisição está totalmente em linha com a estratégia de investimento regional da companhia. Ainda, que vai tornar a empresa mais eficiente, na medida que o terminal ampliará a capacidade de exportação da companhia. “É também o primeiro passo na direção de desenvolvimento de alternativas logísticas, considerando que é um pequeno porto mas que escoar uma grande parte dos volumes totais de exportação da Rússia”, afirmou o executivo.

A LDC é uma das principais multinacionais do agronegócio, com atuação em dezenas de países, inclusive no Brasil. Em 2014, sua receita líquida atingiu US\$ 64,7 bilhões

com o transporte e o processamento de aproximadamente 80 milhões de toneladas de commodities, 4% acima do realizado em 2013.

---

### **Mercado de milho de olho em Pequim. Fernanda Pressinott e Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 22/07/2015**

A China continua a provocar sobressaltos no mercado internacional de milho. É assim desde que o país, em meio ao crescente consumo de carnes de sua população, há alguns anos deixou de ser um exportador relevante do grão e passou a sinalizar que, em algum momento, se transformaria em grande importador. Nesse contexto, fechou acordos com Brasil, Argentina e Ucrânia, supridores com potencial para diluir o peso dos Estados Unidos em sua balança, e alimentou nesses parceiros a sensação de que mercado não faltaria mais para as ofertas disponíveis. Mas isso ainda não aconteceu. Assim, as infladas estimativas para as importações chinesas de milho no longo prazo já sofreram flagrante esvaziamento e cada movimento do gigante nesse mercado é acompanhado com especial interesse.

Para manter as discussões aquecidas, os chineses puseram mais lenha na fogueira em junho, quando, segundo o serviço alfandegário do país, importaram 873 mil toneladas do cereal, 3.103% mais que no mesmo mês do ano passado, e quase 90% desse volume foi proveniente da Ucrânia.

Com isso, no primeiro semestre as compras no exterior chegaram a 2,65 milhões de toneladas, quase o dobro que em igual intervalo de 2014. Pode ser só uma questão sazonal e que isso não signifique que o volume superará as 3 milhões de toneladas que o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) prevê para as importações da China nesta safra internacional 2014/15, que terminará em agosto. Mas foi o suficiente para reavivar as discussões sobre as estratégias de Pequim.

As elocubrações passam pelo recente incremento das importações chinesas de sorgo - alternativa normalmente mais barata que o milho para uso em rações, por exemplo - e, principalmente, pelo nível de estoques considerado ideal pelo país asiático. Na safra 2013/14, quando produziu 218,5 milhões de toneladas, as importações somaram 3,28 milhões de toneladas e os estoques finais de milho da China atingiram 77,32 milhões, ou 36,5% de sua demanda total, conforme estimativas do USDA. Para se ter uma ideia, os estoques finais mundiais representaram 18,3% da demanda global, também conforme o órgão americano.

Sempre de acordo com o USDA, em 2014/15 a colheita de milho na China caiu para 215,67 milhões de toneladas e as importações deverão recuar para 3 milhões de toneladas - mas os estoques finais em 31 de agosto deverão crescer para 79,96 milhões de toneladas, ou 37% da demanda doméstica (a relação global na temporada é calculada em 19,7%). A depender do ritmo de importações de julho e agosto, que está atrelado ao baixo patamar das cotações, os estoques poderão de fato engordar mais. Cauteloso ou não, o USDA mantém sua projeção intacta e projeta para o próximo ciclo também 3 milhões de toneladas.

---

## **Mercado de milho de olho em Pequim. Fernanda Pressinott e Fernando Lopes – Valor Econômico, Agronegócios. 22/07/2015**

A China continua a provocar sobressaltos no mercado internacional de milho. É assim desde que o país, em meio ao crescente consumo de carnes de sua população, há alguns anos deixou de ser um exportador relevante do grão e passou a sinalizar que, em algum momento, se transformaria em grande importador. Nesse contexto, fechou acordos com Brasil, Argentina e Ucrânia, supridores com potencial para diluir o peso dos Estados Unidos em sua balança, e alimentou nesses parceiros a sensação de que mercado não faltaria mais para as ofertas disponíveis. Mas isso ainda não aconteceu. Assim, as infladas estimativas para as importações chinesas de milho no longo prazo já sofreram flagrante esvaziamento e cada movimento do gigante nesse mercado é acompanhado com especial interesse.

Para manter as discussões aquecidas, os chineses puseram mais lenha na fogueira em junho, quando, segundo o serviço alfandegário do país, importaram 873 mil toneladas do cereal, 3.103% mais que no mesmo mês do ano passado, e quase 90% desse volume foi proveniente da Ucrânia.

Com isso, no primeiro semestre as compras no exterior chegaram a 2,65 milhões de toneladas, quase o dobro que em igual intervalo de 2014. Pode ser só uma questão sazonal e que isso não signifique que o volume superará as 3 milhões de toneladas que o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) prevê para as importações da China nesta safra internacional 2014/15, que terminará em agosto. Mas foi o suficiente para reavivar as discussões sobre as estratégias de Pequim.

As elocubrações passam pelo recente incremento das importações chinesas de sorgo - alternativa normalmente mais barata que o milho para uso em rações, por exemplo - e, principalmente, pelo nível de estoques considerado ideal pelo país asiático. Na safra 2013/14, quando produziu 218,5 milhões de toneladas, as importações somaram 3,28 milhões de toneladas e os estoques finais de milho da China atingiram 77,32 milhões, ou 36,5% de sua demanda total, conforme estimativas do USDA. Para se ter uma ideia, os estoques finais mundiais representaram 18,3% da demanda global, também conforme o órgão americano.

Sempre de acordo com o USDA, em 2014/15 a colheita de milho na China caiu para 215,67 milhões de toneladas e as importações deverão recuar para 3 milhões de toneladas - mas os estoques finais em 31 de agosto deverão crescer para 79,96 milhões de toneladas, ou 37% da demanda doméstica (a relação global na temporada é calculada em 19,7%). A depender do ritmo de importações de julho e agosto, que está atrelado ao baixo patamar das cotações, os estoques poderão de fato engordar mais. Cauteloso ou não, o USDA mantém sua projeção intacta e projeta para o próximo ciclo também 3 milhões de toneladas.

---

**O Itamaraty e as múltiplas brasileiras. Marcos Sawaya Jank – Folha de São Paulo, Colunistas. 25/07/2015**

Além de cuidar da política externa e de representar o Brasil, um dos papéis mais importantes do Itamaraty é a promoção comercial e a facilitação de investimentos no exterior.

Durante muito tempo, o papel do Itamaraty se limitava à promoção comercial "strictu sensu", apoiando a solução de problemas enfrentados por exportadores, viagens de empresários, missões, feiras etc.

Nas duas últimas décadas, no entanto, a presença física das empresas brasileiras se intensificou, com a abertura de plantas industriais e estruturas de armazenagem e distribuição de produtos no exterior. Cresceram também os investimentos internacionais das empresas brasileiras do setor de serviços – bancos, tecnologia de informação, construtoras e outros.

Cerca de 50 multinacionais brasileiras atuam hoje no exterior, a maioria oriunda de setores em que o Brasil acumulou notórias vantagens competitivas, globais ou ao menos regionais. Contudo, o movimento ainda é incipiente e tímido, seja pelo reduzido número de empresas, seja pela pequena presença de produtos diferenciados e marcas globais.

É óbvio que a maior parte do esforço de internacionalização das empresas brasileiras deve vir das próprias empresas. No entanto, o êxito do processo também depende de uma intensa coordenação do setor privado com o governo brasileiro, em particular com o Itamaraty e os ministérios que cuidam das áreas envolvidas.

Todos os grandes governos do mundo defendem o interesse de suas empresas no exterior com a faca nos dentes. As representações diplomáticas brasileiras têm realizado esse trabalho com eficiência e admirável esforço, apesar das dificuldades. Vivendo hoje em Cingapura, sou testemunha da carência de recursos humanos e materiais que esses postos têm na Ásia.

Um bom exemplo é o agronegócio, um dos únicos setores em que o Brasil tem presença global. Os Estados Unidos são o nosso maior concorrente na China. O Departamento de Agricultura (Usda) conta com 5 escritórios no país, 8 adidos agrícolas e 23 técnicos locais de suporte. As entidades que representam os principais produtos exportados pelos Estados Unidos também estão presentes na China, inclusive com programas custeados pelo governo norte-americano.

A Nova Zelândia tem cinco adidos, a Austrália e o Canadá, quatro adidos cada um, a Europa tem mais de dez, se considerarmos a comunidade e os países-membros. Enquanto isso, o Brasil tem um adido agrícola no país mais populoso do mundo, nosso maior parceiro comercial.

Achei importante escrever sobre esse tema num momento em que se questiona o papel do governo e da diplomacia no apoio à internacionalização das empresas brasileiras, tema tratado com precisão por Marcos Troyjo em artigo publicado neste jornal no dia 22.

Nos países em desenvolvimento, é muito difícil as empresas crescerem sem um trabalho coordenado entre o setor privado e o governo. Essa parceria deve ser sólida, transparente e horizontal, sem privilégios a setores ou empresas. As representações

brasileiras no exterior têm atuado com competência e poucos recursos. O esforço precisa ser ampliado, e não reduzido.

---

### **Adesão do Cazaquistão à OMC abre oportunidades ao Brasil. Assis Moreira – Valor Econômico, Agronegócios. 27/07/2015**

GENEBRA - Os exportadores brasileiros de produtos agrícolas poderão em breve vender ao Cazaquistão com tarifa mais baixa. Após 19 anos de negociações, a Organização Mundial do Comércio (OMC) aprovou hoje a entrada do país na entidade. A ratificação pelo parlamento deve ocorrer até o fim de outubro.

Entre os compromissos do Cazaquistão para ser aceito no sistema multilateral de comércio está o de redução de tarifas de importação de produtos agrícolas para uma média de 7,6% — ante o modelo atual do país composto por uma variedade de alíquotas diferentes e que podiam mudar a qualquer momento.

O país vai abrir cotas tarifárias: a carne bovina que entrar pela cota terá alíquota de importação de 15% e a que ficar fora da cota, de 40%. Para carne de frango são os mesmos percentuais, mas fora da cota, em todo caso, a taxa não ficará abaixo de 0,65 euro por quilo.

A tarifa média para produtos industriais ficará em 5,9%. O Cazaquistão tem um comércio exterior de US\$ 120 bilhões por ano, dos quais 40% são com países europeus. A Rússia e a China, vizinhos, também têm grande volume de comércio com o Cazaquistão.

---

### **Brasil vai retomar as vendas à China. Luiz Henrique Mendes – Valor Econômico, Agronegócios. 29/07/2015**

A ministra da Agricultura, Kátia Abreu, afirmou ontem que espera abrir o mercado de lácteos da China ainda neste semestre. "Abrimos pela primeira vez [o mercado de leite em pó] para a Rússia, e no segundo semestre vamos abrir a China", afirmou a ministra, durante a solenidade de abertura do Salão Internacional de Aves e Suínos (Siavs), realizado na capital paulista. O evento é organizado pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

Em seu discurso, a ministra fez alusão ao potencial do mercado chinês, maior importador global de leite em pó. "Se abrir a China, imagina o que vai ser". Ela se defendeu, ainda, das críticas de que o Brasil não teria produção suficiente para exportar leite em pó para esses países. "Não tem leite suficiente porque não tem mercado", argumentou a ministra.

O Brasil já exportou volumes pontuais de lácteos para o país asiático entre os anos de 2000 e 2007, mas o certificado sanitário internacional para a China, necessário para a exportação, expirou e está sendo renovado atualmente. Com a renovação, as exportações brasileiras poderão ser retomadas.

Pouco mais tarde, enquanto visitava os estandes das empresas no Siavs, Kátia ressaltou a relevância do mercado de lácteos de Rússia e China. De acordo com ela, os dois países representam de 13% a 17% do comércio global de leite em pó.

Durante o discurso de abertura, a ministra também se mostrou otimista com a concessão de duas ferrovias consideradas fundamentais para impulsionar as exportações de grãos pelo Norte do país. Segundo ela, "muitas empresas" demonstraram interesse, por meio dos Procedimentos de Manifestação de Interesse (PMIs), na concessão da Ferrovia Norte-Sul e na ferrovia que vai de Lucas do Rio Verde, polo produtor de Mato Grosso, até Miritituba, no Pará.

"Nos traz otimismo, especialmente nas duas ferrovias", disse a ministra. De acordo com Kátia Abreu, o eventual vencedor da concessão da ferrovia Norte-Sul vai operar a modal e concluir os trechos até Três Lagoas (MS), bem como o trecho que vai de Açailândia (MA) até Belém, capital paraense. (Colaborou Alda do Amaral Rocha)

---

### **Dólar alto compensa queda em Chicago, e commodities sobem no Brasil. Mauro Zafalon – Folha de São Paulo, Colunistas. 30/07/2015**

Quando tudo parece desmoronar na economia do país, o agronegócio volta a respirar devido a esses problemas econômicos.

Os preços internos da soja se descolam dos da Bolsa de Chicago –praça formadora dos preços internacionais dos grãos– e continuam subindo, mesmo com a queda naquela Bolsa.

Daniele Siqueira, analista da AgRural, diz que, apesar da queda em Chicago, a alta do dólar faz os negócios "rolarem" no Brasil.

Siqueira diz que o mercado brasileiro primeiro foi favorecido pela alta de preços em Chicago, que perdurou de meados de junho a meados de julho.

Essa alta foi provocada pelo clima nos Estados Unidos e pela redução dos estoques norte-americanos de soja.

Quando os preços começaram a cair na Bolsa de Chicago, a alta interna foi mantida devido à depreciação do real.

O primeiro contrato da soja recuou de US\$ 10,25 por bushel (27,2 quilos) no dia 15 deste mês para US\$ 9,83 nesta quarta-feira (29). A queda foi de 4%.

Nesse mesmo período, as sacas de soja subiu de R\$ 66 para R\$ 70 em Cascavel (PR); de R\$ 62 para R\$ 64 em Rio Verde (GO); e de R\$ 55,50 para R\$ 58 em Sorriso (MT).

No porto de Paranaguá, importante saída do produto para o mercado externo, a saca de soja subiu de R\$ 71 para R\$ 76.

Com essa evolução positiva dos preços, os produtores aceleraram as vendas da oleaginosa. Em maio, conforme dados da AgRural, as vendas de soja da safra 2015/16 somavam 6% do total que deve ser produzido.

No final de junho, as vendas já atingiam 17%, e os dados deste mês, ainda não disponíveis, deverão apresentar nova aceleração, segundo Siqueira.

O produtor ganha nos preços de parte dos grãos que comercializa, mas, como ocorre com os demais setores da economia, vai sentir no bolso a elevação dos custos.



Essa elevação virá também como efeito do próprio dólar, já que boa parte dos insumos é importada.

\*

*Agrifam* Como ter acesso ao crédito rural do Plano de Safra da Agricultura Familiar?

*Dúvidas* Os agricultores poderão tirar essas dúvidas na Agrifam, feira promovida pela Fetaesp e voltada para os produtores familiares. O evento começa nesta sexta-feira (31), em Lençóis Paulista (SP).

*Gado* Pela primeira vez, a feira terá a participação da ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu). Essa estreia marca a entrada do programa Pró-Genética no Estado de São Paulo.

---

### **Retração da economia brasileira e oscilações no mercado internacional interferem na produção e produtividade agropecuária – Site da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). 31/07/2015**

Brasília (31/07/2015) – A realidade do produtor rural hoje está difícil. Apesar dos limites de crédito terem aumentado, houve uma elevação muito grande no preço dos insumos. Os fertilizantes estão em torno de 23% mais caros, defensivos subiram entre 30% a 40%, alta na tarifa de energia elétrica de 50% a 100%, afetando a irrigação no campo, e a redução do consumo dos produtos trazem uma conjuntura negativa para o agricultor e o pecuarista.

Os números e os debates sobre o desenvolvimento da agropecuária brasileira ocorreram durante o seminário Financiamento da Agropecuária, que desde quinta-feira (30/07) discute assuntos de importância para o setor, em Brasília. O evento segue até hoje, sexta-feira (31/07) no Hotel Kubistheck Plaza e é organizado pela Associação Brasileira de Desenvolvimento (ABDE).

De acordo com Bruno Lucchi, superintendente técnico da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), é preciso estudar uma forma, junto às instituições financeiras, de desburocratizar e reduzir os custos administrativos do crédito do produtor. “A CNA tem lutado para manter a competitividade no setor, gerando divisas e trazendo ganhos sociais para o País”, frisou.

João Cruz Reis Filho, secretário da Secretária de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Estado de Minas Gerais, concorda com Lucchi e acrescenta que a agricultura moderna precisa ter uma eficiência no processo administrativo, de modo a gerenciar seus riscos. “O desafio é levar tecnologia de ponta para o produtor rural. Produção e produtividade dependem do acesso à tecnologia. Temos que caminhar nisso. Levar a gestão para dentro da porteira”, observou.

O secretário de Minas Gerais comenta que da década de 70 para hoje, a produtividade brasileira cresceu 170%, isso particularmente em grãos. Também a pecuária teve crescimento em proporções semelhantes. Para ele, é preciso um parque de ciência e tecnologia bem estabelecido no Brasil com aparato do sistema de crédito rural. “Dessa forma, o setor vai continuar em crescimento e cada vez mais competitivo”, frisou.



Apesar dos desafios citados e os índices agropecuários positivos, com 44% das exportações brasileiras, João Cruz acredita que a alta da moeda americana é um ponto a ser estudado. Segundo o secretário, vários dos insumos para a atividade da agricultura são validados pelo preço do dólar, como os fertilizantes. “Há redução na entrega desse produto para o produtor rural. Isso nos preocupa muito, pois menos fertilizante, menos produção agropecuária, menos produtividade”.

O secretário ressalva que a alta da moeda americana é muito boa para as exportações brasileiras. No entanto, muito ruim para a importação. “Temos um setor extremamente dinâmico, competitivo, exporta para vários países do mundo, temos ciência e tecnologia, temos suporte de crédito, mas ainda há um cenário de como lidar com esse equilíbrio, de quão bom o dólar é bom para exportação e quão ruim o dólar e para importação dos insumos”.

A conclusão do economista André Perfeito, chefe da Gradual Investimentos, é que toda essa concepção econômica mostra que além de ganhar dinheiro, o brasileiro tem que aprender a mudar os hábitos e se relacionar de maneira diferente com outros países. “Apesar de toda a retração econômica que o país vive, acredito que vamos passar sem grandes mudanças no setor agropecuário. Temos condições para isso. Estou otimista”, finalizou.

#### *Números econômicos agropecuários*

Algumas cadeias produtivas são mais afetadas pelo mercado internacional outras menos. Por exemplo: etanol exportação de 89%, carne Suína 85%, carne bovina 79%, carne de frango 68%. As culturas que tiveram mais impactos foram soja e café com 47%, em razão da retração do grande comprador do Brasil, a China.

Na balança comercial tivemos em 2013, 100 milhões em exportações de grãos e um saldo de quase 83 bilhões de dólares. Já 2014, esses números caíram para 80 bilhões e, no primeiro semestre de 2015, há uma acúmulo de 43 bilhões. Se não fosse o saldo positivo de 80 bilhões no agronegócio em 2014, o déficit na balança que é de 3,96% seria 83,96%.

No primeiro semestre de 2015, houve redução nas exportações de soja, que caiu de 41% para 36%. A exportação de carne está estável. Há crescimento no setor florestal e café, pois os principais compradores são Estados Unidos e Europa, países que estão com a economia em recuperação.

Principais países que importam do Brasil em 2015: China, União Europeia, Estados Unidos e Rússia.

---

**Coordenador**  
Sergio Leite

**op**  
**pa** **Observatório de Políticas**  
**Públicas para a Agricultura**

**Pesquisadores**  
Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,  
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,  
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,  
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,  
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,  
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

**cpda** **Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais**  
**em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**  
**UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**

**Assistentes de Pesquisa**  
José Renato S. Porto

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar  
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

**Secretária**  
Diva de Faria

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214  
Fax: 21 2224 8577 - r. 217  
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br  
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa